



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIELA OLIVEIRA DOS SANTOS

POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA DANÇA NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA PARA ALUNOS DO 8º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL II.

CURITIBA

2019

GABRIELA OLIVEIRA DOS SANTOS

POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA DANÇA NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA PARA ALUNOS DO 8º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL II.

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção da graduação, no Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora. Dra. Verônica Werle

Co-Orientador: Professor Dr. Marcos Rafael Tonietto

CURITIBA

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

GABRIELA OLIVEIRA DOS SANTOS

POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA PARA ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II.

Monografia apresentada como requisito parcial à para obtenção da graduação, no Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dra. Veronica Werle
Departamento de Educação Física, UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ

Coorientador: Prof^o. Dr. Marcos Rafael Tonietto
Departamento de Educação Física, UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ

Banca: Prof^a. Dra. Letícia Godoy
Departamento de Educação Física, UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ

Prof^a. Dra. Adriana de Paula
Departamento de Educação Física, UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ

Curitiba, 03 de dezembro de 2019

Meu querido vô Bueno, mesmo na maioria das vezes lembrando somente da sua voz, pois com o passar do tempo sua imagem se desfaz da minha memória, dedico-lhe este trabalho, com todo meu amor e carinho.

Saudades imensa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço Aquele que me deu fôlego de vida e forças para não desistir.

Aos meus pais, Sandra e João, por serem minha base e meus exemplos de vida e conquista. Obrigada por nunca medirem esforços para que eu chegasse onde cheguei, por cada sacrifício que fizeram por mim, por todo cuidado, carinho e amor. Vocês são e sempre serão a razão de tudo! Amo imensamente vocês!

Aos meus professores que tanto me ensinaram. Obrigada por toda dedicação e trocas de experiências.

Meu companheiro e presente da vida. Obrigada por segurar a minha mão e ser luz na minha vida. Gratidão por ter você, Matheus Lazzarotto!

Muitíssimo obrigada, meu grande amigo Ottavio Pereira, por ter me incentivado a seguir esse caminho tão lindo, o qual chamamos de Educação Física.

Professora Verônica Werle, obrigada por toda paciência, compreensão e auxílio durante o desenvolvimento deste trabalho, agradeço também por toda paz e carinho que você transmite.

Professor Rafael Tonietto, gratidão por ter aceitado este desafio e ter lutado contra o tempo comigo. Obrigada pelas suas aulas maravilhosas, tenho orgulho de ter tido a oportunidade de ser sua aluna.

Reconhecer nem sempre é fácil. Foram cinco anos e durante esse tempo todo muitos contribuíram para que este dia chegasse. Então muito obrigada, de todo o meu coração, por cada um que de alguma forma me ajudou a subir os degraus dessa etapa que, muito feliz, concluo.

Obrigada colegas e amigos da Turma T, sempre os guardarei no coração.

*“Cada um sabe a alegria
E a dor que traz no coração”
Titãs.*

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo identificar possibilidades metodológicas para o ensino da dança no contexto escolar. Foi utilizada a pesquisa-ação como metodologia para propor novas reflexões a respeito de possibilidades de encaminhamentos metodológicos das Danças na Educação Física Escola e desenvolver possibilidades de intervenção com alunos de uma instituição educativa. Ao observar o contexto da Educação Física Escolar na escola pesquisada percebeu-se a presença de quatro modalidades esportivas presentes nas aulas das turmas do 8º ano, sendo eles o voleibol, o futsal, o handebol e o basquetebol, nesse contexto foi proposto a utilização do conteúdo de dança como forma de ampliar as possibilidades de práticas corporais. A partir da disciplina de Práticas de Ensino, ofertada pelo curso de Licenciatura em Educação Física, foi levantada a seguinte problemática: Como inserir a dança em um ambiente esportivizado? A pesquisa foi realizada através das intervenções feitas com alunos do 8º ano do ensino fundamental II. O Hip Hop foi a dança selecionada para a prática pedagógica com o conteúdo da dança porque permitiria que os alunos trabalhassem outros elementos, para além da prática corporal em si, como o grafite e o rap, neste caso. Foi possível perceber que são necessários os seguintes eixos para desenvolver a dança com os alunos: Apresentação do conteúdo da dança: introdução do conteúdo e sua relação com o retorno dado pelos alunos; - O encaminhamento do break: a forma utilizada para trabalhar o break inserindo os outros elementos da cultura hip hop; - A relação entre a dança, o grafite e o rap: dando um significado cultural para o conteúdo de dança. Assim, percebendo a importância de organizar o conteúdo de maneira didática para que se efetive o ensino, o professor precisa desenvolver maneiras e métodos para que seus alunos tenham interesse em aprender tal conteúdo.

Palavras-chave: Dança. Hip hop. Educação física escolar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 DESENVOLVIMENTO	11
3 REVISÃO DE LITERATURA	14
3. 2. CONTEXTO DO HIP HOP	16
4 METODOLOGIA.....	18
5 RESULTADOS E ANÁLISES	23
5. 1 APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DANÇA.....	23
5.2 ENCAMINHAMENTO DO BREAK COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	24
5.3 A RELAÇÃO ENTRE A DANÇA (CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA), O GRAFITE E O RAP	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXOS	35
PLANO DE ENSINO	35
PLANOS DE AULA	37
CADERNO DE CAMPO	47

1 INTRODUÇÃO

Ao ingressar no curso de licenciatura em Educação Física, identifiquei que existem diversos saberes necessários para a minha formação como professora, que tinham como fonte conhecimentos científicos provindos da universidade e práticos de diferentes contextos educativos visitados. Com o decorrer das aulas percebi que os conhecimentos apresentados nas disciplinas do Curso de Licenciatura em Educação Física necessitavam de uma relação com a realidade escolar, para que fosse possível colocar em prática todo o conhecimento adquirido.

A partir dessa reflexão, procurei desde o início do curso integrar teoria e prática. Assim ao iniciar a disciplina de “Práticas de Ensino” no último ano do curso, tive a experiência de visitar um Colégio da Rede Estadual de Ensino da região norte da Cidade para realizar o estágio supervisionado exigido pela disciplina. Nesta experiência pude lecionar aulas de Educação Física supervisionadas pelo professor do colégio e com acompanhamento da professora da disciplina. Não foi meu primeiro contato com escola pública, mas foi a primeira escola em que o contato com os alunos foi mais prolongado e estreito, com um total de sete meses de intervenção.

Eu já compreendia que a educação física tem conquistado um espaço comprometido com a formação de alunos críticos, criativos, ativos e solidários, visto que, segundo a literatura ela teve diferentes objetivos e objetos de ensino. No seu surgimento era chamada de educação física higienista e eugênica, que visava propagar a higiene, ou seja, tinha-se o objetivo de ensinar cuidados básicos com o corpo. Depois, a educação através da ginástica que visava o corpo belo. Após isso, veio a educação militarista, a qual “educava” os corpos masculinos para a guerra e os corpos femininos para o trabalho doméstico e por fim, a educação esportivista, que “reforçava valores como a racionalidade, a eficiência e a produtividade” com o intuito de formar um exército composto por uma juventude forte e saudável. (DARIDO, 2001)

Meu objetivo não é apresentar uma linha histórica da Educação Física, apenas identificar que ela está constantemente buscando refletir e constituir seu

espaço no contexto escolar, no sentido de contribuir com a formação de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária por meio dos conteúdos da Educação Física.

Em contrapartida à Educação Física esportivista, **Bagnara e Fensterseifer (2018)** salienta a existência na prática pedagógica de professores de Educação Física do “rola a bola”, segundo os autores,

e que a tradição mecanicista, competitivista e esportivista da EFE foi substituída pela cultura do “rola a bola”, fenômeno esse denominado por González e Fensterseifer (2006) e Machado et al. (2010) de abandono docente ou desinvestimento pedagógico, o qual impacta negativamente no processo de legitimação da EFE (BAGNARA; FENSTERSEIFER, 2018, p.1).

A preocupação com esta perspectiva do “rola a bola” se faz presente, pois ela não contempla os objetivos educacionais. É preciso facilitar e promover a educação do corpo e movimento para a diversidade, formando o cidadão que vai transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício de sua qualidade de vida. Se o ser humano possui uma prática de atividade física saudável, poderá contribuir para o desenvolvimento moral, social e cultural da sociedade, através da interação com seus pares, o que permite o mesmo reconhecer-se no meio, possibilitando ao aluno desenvolver valores como respeito mútuo, confiança e muitas outras características fundamentais para o desenvolvimento integral do indivíduo.

O professor de educação física tem o papel de proporcionar experiências de práticas corporais, além de promover conhecimentos sobre saúde e lazer através destas, não é somente lecionar a aula, mas sim entender para quem e por que está inserindo certa atividade no contexto escolar. A educação física está além de esportes, é propagação de cultura e vivências inéditas, além de trazer vários benefícios causados pelas práticas corporais. De acordo com Darido (2001, p. 7) muitos utilizam o conceito de conteúdo da educação física, mas a maioria interpreta de forma errada, “dentro de uma perspectiva de educação e também de Educação Física, seria fundamental considerar os procedimentos, os fatos e conceitos, as atitudes e os valores como conteúdos, todos no mesmo nível de importância”, ou seja, não é somente o saber fazer, mas sim “por que fazer?”.

É nesse sentido que é necessário refletir a respeito dos objetivos da Educação Física em paralelo ao que ocorre no contexto escolar e com o que se propõe para esse componente curricular. Assim, resgato as Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação Física que propõe que as escolas da rede estadual contemplem no componente curricular da Educação Física os seguintes conteúdos: esportes, danças, lutas, ginásticas, jogos e brincadeiras. Entretanto, durante as visitas realizadas na escola e em conversa com alguns alunos, conclui que só era contemplado nas aulas de Educação Física o conteúdo dos esportes, mais especificamente futebol e vôlei. Assim, levanto a seguinte problemática: *Como inserir os outros conteúdos da educação física em um ambiente esportivizado?*

Buscando sobre a inserção da dança na Educação física Escolar, encontrei um estudo recente, do ano de 2014 feito no interior de São Paulo, que tinha o intuito de analisar como era apresentado o ensino da dança nas aulas de educação física e arte e quais eram os conhecimentos dos professores sobre o conteúdo da dança, 31 professores de educação física responderam um questionário sobre o conteúdo da dança. Desses 31 professores, 29% responderam que o ideal para dar aula de dança seria um especialista em dança, um outro professor concordou, afirmando que não se sente apto o suficiente para lecionar uma aula sobre o conteúdo e que a disciplina de dança frequentada em sua formação serviu apenas para aplicar o movimento. (SOUSA, HUNGER E CARAMASCHI, 2014).

Esse estudo mostra o quanto os professores têm dificuldade em desenvolver o conteúdo da dança, e por isso, na maioria das vezes, optar pelos esportes é uma maneira mais fácil e aparentemente a mais correta de se trabalhar a Educação Física na escola. Partindo disso, levanto a seguinte questão:

- *Quais as possibilidades metodológicas para inserir o ensino das danças na educação física escolar?*

A escolha desse conteúdo se fez necessário por saber da sua importância na formação dos alunos e pelo fato de eu não ter experiência no encaminhamento deste conteúdo. Além disso, gosto de dançar e não tinha experiência e saberes necessários para encaminhá-lo na Educação Física Escolar. Na escola onde estudei também havia um ambiente esportivizado. Não ter algo diferente durante todo o ensino fundamental e médio me deixou frustrada, apesar de sempre participar das

aulas com os esportes. Pensei que na faculdade pudesse aprender como trabalhar essa temática nas escolas, mas não foi o suficiente. Acredito que seja importante vivenciar esse conteúdo para que os alunos possam entender que a educação física não gira em torno dos esportes, pois a “simples prática dessa atividade não caracteriza a existência da Educação Física” (OLIVEIRA, 1983. p. 104).

Enquanto acadêmica do curso de Educação Física a escolha da temática tem como objetivo compartilhar novas possibilidades de práticas para além da reprodução da Educação Física esportivista, que não possibilita reflexões a respeito dos seus objetivos na formação dos alunos. O esporte em si não é o problema, porque ele é um conteúdo legítimo da educação física, o problema é ele ser trabalho de forma única onde os alunos têm que reproduzir gestos técnicos ou como lazer.

Dessa forma, compreendo que é possível alterar o panorama da Educação Física ao mostrar que os profissionais em início de carreira assim como aqueles que já possuem uma trajetória são capazes de trabalhar com outros conteúdos e através desse relato de experiência, motivar, incentivar e contribuir para que suas aulas possam ser diferenciadas mesmo com dificuldades e a falta de experiência. Reforçar o compromisso que temos como professores, em formar cidadãos críticos e autônomos, buscando uma transformação social.

2 DESENVOLVIMENTO

Durante o desenvolvimento da Prática de Ensino A seguimos com o objetivo de encontrar uma problemática através de observações no âmbito escolar para ser estudada e apresentada como trabalho final da disciplina, orientada pela professora Verônica Werle. Foram feitas oito observações nas aulas de Educação Física das turmas de 8ºs e 9ºs anos do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Leôncio Correia, localizado na Rua Costa Rica nº233, no bairro do Bacacheri, região norte de Curitiba. A escola foi sugerida pelas professoras da disciplina de Práticas de Ensino, as quais se preocuparam com a localização de cada aluno, tanto em relação a trabalho quanto à residência.

A escola é próxima ao terminal do Cabral, o qual grande parte dos alunos utiliza para pegar o transporte coletivo para ir para a escola e voltar para casa. Próximo à escola há mercados, farmácia, hospital, papelaria, restaurantes e lanchonetes. A escola ocupa uma quadra inteira da rua, e por ser grande há vários espaços, relacionados à educação física tem sala de lutas, de dança, duas quadras cobertas, três descobertas e um gramado bem grande.

Tendo em vista a problemática levantada, busquei saber o que o PPP da escola dizia sobre a dança e o que chamou minha atenção foi que a dança aparece também na descrição da disciplina de Arte. Não tenho conhecimento sobre os conteúdos que o professor responsável pela disciplina de arte trabalha, mas a dança aparece como movimento de expressão corporal, conduzidos com ou sem sons. Já na descrição da disciplina de educação física, para o ensino fundamental a dança aparece juntamente com o teatro como forma de desenvolvimentos corporais rítmico-expressivas, e para o ensino médio a dança aparece como expressão cultural, relacionada à cultura popular. (PPP. CELC. 2018)

O objetivo de trabalhar com essa temática é justamente o que está descrito no PPP: fazer com que o aluno perceba o seu corpo e o veja como expressividade, pois não temos um corpo só para colocarmos roupas e sair, temos um corpo que fala, mas muitas vezes é tímido e acaba passando despercebido pelo professor, no caso da escola.

O professor responsável pelas turmas observadas, cuja identidade será preservada, é formado em Educação Física, tem Pós-Graduação em Ciência do

Movimento e Mestrado em Educação Física na Universidade Federal do Paraná – UFPR. Atualmente é estatutário da Secretaria de Educação do Estado do Paraná e Professor Assistente em uma faculdade particular. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Voleibol, Treinamento Esportivo e Biomecânica (LATTES), atua como professor de educação física na escola há 2 anos com as turmas de 8^{os} e 9^{os} anos. A relação que ele tem com os alunos é boa, os alunos o respeitam, são próximos, “Durante a ida para a quadra e a volta para sala, os alunos demonstram carinho e respeito pelo professor, o qual sempre faz brincadeiras com os alunos, dá pra ver que eles têm um bom relacionamento.” (CADERNO DE CAMPO¹. 02/04/2018.)

Aparentemente os alunos desejam por algo novo, foi nítido quando eu e a Nathália (minha colega de estágio) demos uma aula a pedido do professor de educação física (16/04/2018), eles gostaram e queriam que déssemos outras aulas. Fizemos uma atividade trabalhando o basquetebol de forma lúdica e ver o quanto eles se divertiram foi gratificante. “Realizamos a atividade “jogo da velha no chão” utilizando os fundamentos do basquete, com todas as turmas (8^o B, F, D e 9^o D e C). Todos os alunos participaram da atividade e alguns alegaram que era novidade, pois o professor não passa coisas diferentes.” (CADERNO DE CAMPO. 16/04/2018)

Nas intervenções do segundo semestre fiquei responsável pelas turmas de 8^{os} anos. Os alunos eram tranquilos, a relação que criamos também era agradável apesar de pouca convivência. As intervenções foram divididas em dois momentos: o esporte, cujo tema do semestre foi o futsal, com o professor regente, a dança e os jogos cooperativos sob minha responsabilidade. Foi acordado desta forma porque o professor havia prometido para os alunos que no último trimestre eles teriam o futsal como conteúdo. Escolhi o conteúdo de jogos cooperativos e da dança para que os alunos pudessem ter a vivência de outros conteúdos da Educação Física, o foco foi dança, mas inseri os jogos cooperativos para que pudessem se habituar com algo diferenciado. O professor não se opôs quando contei sobre o plano, mas disse que não seria uma tarefa fácil. Após essa fala, minhas inseguranças aumentaram, eu

¹ Caderno de campo foi utilizado como instrumento de investigação das práticas durante a Prática de Ensino. Ele tinha como função central apresentar o relatório de estágio feito durante, onde foram descritos todos os momentos e aulas realizadas. Nessa pesquisa foram utilizadas informações do caderno de campo para identificar uma possibilidade de proposta metodológica para o ensino da dança na Educação Física Escolar.

realmente senti medo em tentar algo novo, mas também não queria desistir, sabia que conseguiria me sair bem com a ajuda dos meus colegas e da minha orientadora.

Retomando a problemática *“Como inserir os outros conteúdos da educação física em um ambiente esportivizado? Sendo o conteúdo da dança, como os alunos reagiriam com essa ideia de prática? Quais seriam as dificuldades de um professor que não tem experiência nenhuma com o tema e como ele desenvolveria essas aulas?”* as aulas foram pensadas de uma maneira que os alunos não se sentissem constrangidos, mas que o tema fosse abordado de forma com que eles pudessem fazer parte da construção do conteúdo e que eles entendessem qual é a importância de se aprender/vivenciar outros conteúdos.

A ideia de trabalhar com o hip hop veio da minha orientadora e, conversando com uma amiga, a qual também estava estagiando no mesmo colégio que eu, contei que queria trabalhar a dança, especificamente com o hip hop, e ela me contou que quando participou de um projeto, o grupo dela deu uma aula sobre o hip hop. Eles desenvolveram as aulas em forma de oficinas: um grupo para a dança, outro para o grafite e outro para a música. E isso me ajudou muito na elaboração das aulas. Mas por que o hip hop? Porque é um dos gêneros musicais que os alunos mais ouvem, claro que tem o funk e o sertanejo, mas não acho que seria adequado trabalhar com o funk e com o sertanejo acredito que ao colocar na balança, o hip hop ganharia. Trabalhar com o hip hop permitiria que os alunos trabalhassem outros elementos, para além da prática corporal em si, como o grafite e o *rap*, neste caso.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A Dança é um dos conhecimentos historicamente construídos pela Educação. Ao ler o capítulo de Educação Física da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e procurando sobre o conteúdo da dança, deparei-me com um único parágrafo que diz que a dança “explora o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos”, (BNCC, p. 218) ou seja, através de uma progressão de passos coreografados ou espontâneos a partir de um som, cria-se movimentos rítmicos onde o aluno pode se expressar através do corpo. Outro capítulo que fala sobre a dança é o capítulo da disciplina de Arte, o qual diz que a dança se dá através do pensamento e sentimento corporal, discute “relações entre corporeidade e produção estética”, fazendo com que os alunos percebam seu corpo através da dança (BNCC, p. 195).

3.1. DANÇA NA ESCOLA

A dança na escola não pode ser algo que exponha os alunos, pelo contrário, deve ser um conteúdo que trabalhe com o corpo de forma agradável, sem visar a execução perfeita dos movimentos, mas sim visando o significado dos gestos e expressões, tornando os alunos críticos e autônomos (SCARPATO, 2004).

Dar aulas de dança, seja de qualquer ritmo musical, é algo muito desafiador para professores com pouco conhecimento na área, o qual é o argumento da grande maioria segundo pesquisa já feita no Rio Grande do Sul (PEREIRA e SILVA, 2004). Mesmo sendo um conteúdo da nossa área e um conteúdo citado nas diretrizes e parâmetros, muitos professores escolhem não trabalhar por dificuldades profissionais ou “para não sair do comodismo”.

Um estudo feito em diferentes redes educacionais do Rio Grande do Sul mostrou que dos 2.289 diários de classe analisados, 66,9% do conteúdo é esporte (futsal e vôlei) e somente 1,5% tem o conteúdo de dança descrito, o qual é em uma rede privada e somente as meninas participam dessa aula (PEREIRA e SILVA, 2004). O estudo foi feito no ano de 2004 em seis cidades do Rio Grande do Sul, estudando 18 escolas, federais, estaduais e municipais, o foco foi observar os diários de classe dos professores de educação física para saber os quais eram os

conteúdos trabalhados. Acredito que se for fazer o mesmo estudo aqui no Paraná, os resultados não terão muita diferença. O estudo foi feito em 2004 no Rio Grande do Sul, estamos em outro ano e outro estado e as coisas estão bem parecidas de acordo com as escolas que eu conheço.

Procurando estudos sobre dança na escola, especificamente sobre o hip hop, encontrei um artigo que mostra a possibilidade do hip hop na escola. O estudo foi feito em uma escola da cidade de Planalto, em Natal, RN, com os alunos do 7º ano do ensino fundamental. Aconteceu a partir de uma conversa com os alunos, analisando as características presentes em seus cotidianos. Os professores pediram para que os alunos levassem vídeos e músicas sobre o tema para compartilhar com os colegas. Após isso fizeram uma roda de conversa, debatendo sobre as diferenças entre o rap americano que falava em suas músicas sobre ostentação, e o nacional que falava sobre a realidade da vida nas periferias. Em seguida, abordando a dança (*break*) eles deixaram os alunos livres para fazerem os movimentos conforme o ritmo do rap e após apresentaram os passos bases do *break*. Para finalizar a atividade, eles levaram um grupo de Hip Hop do próprio bairro, o qual sanou as muitas dúvidas dos alunos. E concluíram que:

esse trabalho se deu através de um grande desafio, pois as dificuldades enfrentadas se configuraram desde a discriminação e preconceitos de alguns professores e direção da escola com o tema, até a busca intensiva de materiais e pesquisas para elaboração das aulas. Neste sentido, fomos buscar atualizações para aperfeiçoar o ensino da Educação Física e especificamente da dança como conteúdo. Não temos como dimensionar o quanto alargaram o conhecimento, mas percebemos que a vivência com o tema proporcionou outros olhares e perspectivas. Percebemos que os alunos ampliaram a visão que tinham da manifestação do Hip-hop e que puderam ressignificar este contexto. (OLIVEIRA, BATISTA E MEDEIROS, 2014, p.187)

A partir do corpo que se expressa, seja com música, com dança ou com a arte, o hip hop é utilizado para dar visibilidade aos problemas sociais de um determinado lugar enaltecendo o que de fato importa, ou seja, é um meio de fazer críticas sociais ou políticas, enquanto algo perece.

3. 2. CONTEXTO DO HIP HOP

O hip hop originou-se na periferia de Nova York, em um bairro da cidade chamado Bronx, onde havia muita rivalidade entre as gangues, e para amenizar as brigas começaram a fazer as rachas de *break* (dança) entre as *Crews* (como eram chamadas as gangues) ao som do DJ e dos MCs, cada gangue tinha seu símbolo e utilizavam o grafite para expô-los nos muros dos locais onde haveria as rachas. Os elementos que formam o hip hop são: o grafite, o *break*, o MC e o DJ.

A pichação era uma forma de assinatura das gangues, que também era motivo de rachas. Quem tivesse mais parte da cidade com sua marca e nos lugares de mais difícil acesso era o “melhor”. Para dificultar ainda mais a compreensão de quem estava de fora da realidade deles, o pichador DJ Kid inseriu letras mais elaboradas, e a partir disso, somente na década de 70, foram inseridos os desenhos coloridos para transmitir mensagens para que todos pudessem entender, e então o nome “grafite”, partindo de um artista conhecido como Phase 2.

Phase 2 criou o estilo de escrita do grafite conhecido como bolha ou softie, o qual espalhou rapidamente entre os outros grafiteiros. O artista nunca revelou o seu nome, e seu apelido vem de uma festa que foi feita entre os amigos, e no fim desta festa, eles já estavam planejando a segunda festa, a “fase 2”. O grafite então foi se aperfeiçoando, ganhando espaço no âmbito da arte e hoje, no Brasil, faz parte das exposições do Museu de Arte Contemporânea da USP (Universidade de São Paulo).

Outro elemento do hip hop é o *breakdance*, que nada mais é do que a dança, os passos compostos a partir do improviso, seguindo o ritmo do *break beat* (batida feita pelo DJ). A dança também era usada para competir e ganhava quem fizesse passos mais elaborados e criativos. Dentro do *break* há dois estilos: o *locking* e o *popping*.

O estilo *locking*, primordialmente era conhecido como *Campbellocking*, pois Don Campbell, seu criador por acidente, teve dificuldade em executar um movimento conhecido como “*Robot Shuffle*” (outra dança popular na época, que consistia em movimentos robóticos), e por isso o movimento que ele fez chamaram de *Campbellocking*, mas para facilitar, deixaram como *Locking*. Ele é mais voltado aos

passos com os pés e o mais conhecido é chamado de *Funky Chicken*. Posteriormente inseriram movimentos de braços, mãos e dedos.

Robot Shuffle também deu origem a outro estilo do *breakdance*, o *popping*. Ao contrário da dança robótica do *robot shuffle*, o *popping* tem seus movimentos mais “delicados”, os passos são ondulados, brincados com a mímica e o ilusionismo. O “*moonwalk*”, famoso passo do Michael Jackson, se originou do *popping*, que o chamava de “*back-slide*” (deslizar para trás).

Muitos acreditam que o hip hop é sustentado por apenas três elementos, o grafite, o break e a música, mas na verdade a música é dividida em MCs e DJs, fazendo com que ele tenha quatro elementos.

O MC foi quem deu início a música. Durante as festas ou cerimônias, o MC (mestre de cerimônia) falava gírias e dava recados para as pessoas, isso começou a ficar tão famoso que o MC Kool Herc decidiu focar no seu trabalho como DJ e convidar outras pessoas para interagir com o público, pois improvisar e ficar atento com os aparelhos estava ficando difícil. O lazer dos jovens eram as festas de rua, que também tinham DJs e MCs, momento onde os jovens se divertiam rimando, criando poesia a partir da batida do DJ, surgindo o termo RAP, ritmo e poesia. (CONTADOR e FERREIRA. 1997).

4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para elaborar esse trabalho de conclusão de curso é a pesquisa-ação. Segundo Tripp (2005), a definição desse termo é complexa, pois parte de “um processo tão natural que se apresenta, sob muitos aspectos, diferentes; e, ela se desenvolveu de maneira diferente para diferentes aplicações.” (TRIPP, 2005, p. 445) ou seja, ela é utilizada em várias áreas de conhecimento, partindo da vivências em variados contextos. Utiliza-se dessa metodologia, na área educacional, para que professores e pesquisadores possam vir a se desenvolver, com a intenção de aperfeiçoar tanto o ensino quanto a aprendizagem dos discentes.

É nesse sentido que esta pesquisa pretende contribuir com novas reflexões a respeito de possibilidades de encaminhamentos metodológicos das Danças na Educação Física Escola e desenvolver possibilidades de intervenção com alunos de uma instituição educativa.

A pesquisa-ação parte de uma investigação-ação, que consiste em um termo universal utilizado para processos que seguem um ciclo o qual se faz o aprimoramento da prática, agindo e investigando sobre determinado tema. Esse ciclo é formado por quatro fases: o PLANEJAMENTO, onde se é planejado uma melhoria da prática; a IMPLEMENTAÇÃO, a qual a ação implementa a melhoria planejada; a DESCRIÇÃO, quando monitoramos e descrevemos a eficácia das ações; e a AVALIAÇÃO, que é quando avaliamos os resultados obtidos. Esse ciclo é contínuo, e é fundamental no auxílio do aprimoramento das práticas realizadas. (TRIPP, 2005, p. 446)

A pesquisa-ação conta com uma diferença considerável dos demais métodos de investigação-ação: a utilização técnicas de descrição das alterações realizadas através do ciclo de aperfeiçoamento das práticas utilizadas. O autor complementa que

embora a pesquisa-ação tende a ser pragmática, ela se distingue claramente da prática e, embora seja pesquisa, também se distingue claramente da pesquisa científica tradicional, principalmente porque a pesquisa-ação ao mesmo tempo altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética da prática. (TRIPP, 2005, p. 447).

Ou seja, através da pesquisa-ação se tem diversas alterações na práticas, até que se tenha bons resultados, os quais são avaliados pelo ciclo de aperfeiçoamento. Além disso, a pesquisa-ação não é uma prova de bons ou maus resultados, ela tem como objetivo auxiliar o modo em que professores aplicam seus conhecimentos, onde eles podem observar, corrigir e aplicar a melhoria, Elliot (1991,

p. 69) resume isso dizendo que é “o estudo de uma situação social com vistas a melhorar a qualidade da ação dentro dela”.

A intervenção pedagógica, realizada com inspiração na pesquisa-ação, foi realizada em duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental II, cada uma com 35 alunos em média, mesclando meninos e meninas. É importante destacar que as turmas tinham características diferenciadas o que possibilita identificar a necessidade de estratégias diferentes para cada uma. A turma do 8ºC era bem tranquila, existia “panelinhas”, mesmo assim a turma era unida. Já a turma do 8ºF era mais agitada, as panelinhas existiam também, mas os alunos se ajudavam durante as atividades. O fato de as duas turmas apresentarem singularidades, as quais me fizeram trabalhar de forma diferente, mostra que é possível realizar essa prática em outros contextos, seja em outra escola, com outros alunos e possivelmente com outras faixas etárias.

4.1. PERCURSO DIDÁTICO

Depois de selecionar conteúdo de Dança uma indagação que se fez presente foi selecionar o que seria abordado desse conteúdo. Ao conversar com a minha orientadora, ela foi indicando algumas leituras e ao ler o artigo “Educação física e a linguagem do hip hop: um diálogo possível na escola. sobre a possibilidade do hip hop na escola” (OLIVEIRA; BATISTA; MEDEIROS, 2014.), me chamou atenção e estava de acordo com o contexto da escola onde realizei o estágio de práticas de ensino. Após isso, começaram as perguntas: como vou trabalhar? Como serão as aulas? Por onde começar?

Em um segundo encontro com minha orientadora, pensamos em como organizar as aulas. Pelo muito pouco que sabíamos sobre o hip hop e com a ajuda do artigo anteriormente citado, separamos o trabalho em tópicos: um breve histórico sobre o hip hop, em seguida o grafite, a música e por fim a dança. Mas por que deixar a dança por último? Por acreditar ser a parte mais difícil do conteúdo e para contextualizar e sensibilizar os alunos aos poucos. Tendo isso em vista, comecei a pensar sobre a maneira de trabalhar cada tópico, como abordar e como deixar o conteúdo menos teórico.

Nesse mesmo encontro, elencamos o que fazer para cada tópico em cada aula, os quais ficaram da seguinte forma:

- Aula 1- introdução à temática, com um breve histórico, contendo vídeos e imagens, fazendo com que a aula seja expositiva e dialogada.
- Aula 2- o grafite: a partir do histórico, os alunos realizaram seu próprio “grafite”, com os materiais que eles mesmos levaram (tinta guache e pincel), a respeito de um determinado tema.
- Aula 3- a música: expor músicas de rap nacionais e americanas, para que os alunos possam conhecer o ritmo e cantores e debater sobre o conteúdo;
- Aula 4 e 5- a dança: através de vídeos, ajudei os alunos a montar uma coreografia utilizando os passos básicos e espontâneos do break, no final eles apresentaram para seus colegas.

Outra questão foi de como inserir aulas diferenciadas na escola, já que os alunos só tinham vivenciado os esportes. Então, pensei em começar com jogos cooperativos, pois já havia tido uma boa experiência com os alunos numa aula em que o professor pediu para fazer uma atividade e esta foi através dos jogos cooperativos. Foram de 4 a 5 aulas, trabalhando somente atividades que instigassem a cooperação dos alunos, sendo a última aula, já caminhando para o conteúdo da dança, uma atividade que envolvesse mais o trabalho com o corpo e expressão, e a atividade escolhida foi a mímica.

Pensando juntamente com a Nathalia, minha dupla de estágio, e após vermos vários vídeos na internet de danças, conseguimos montar uma pequena coreografia para auxiliar os alunos quando fossem trabalhar com a dança. O desenvolvimento de cada aula será brevemente explicado a seguir:

Proposta metodológica: Hip Hop

Aula 1 – Introdução ao Movimento Hip Hop
<p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer aspectos da origem do movimento hip hop (localização, causas defendidas, expressões do movimento no Brasil) - Identificar os elementos do movimento hip hop (grafite, rap, DJ e o break)

Desenvolvimento: Através de slides apresentar e debater sobre o conteúdo do hip hop, perguntar aos alunos o que eles sabem sobre o assunto, mostrando suas origens, seus elementos e explicar cada um deles. Os alunos deverão copiar em seus cadernos, pois valerá nota. Ao final da aula mostrar o cronograma de atividade.

Aula 2 – Conhecendo e ressignificando o grafite

Objetivo: Proporcionar conhecimento sobre a modalidade do hip hop e a oportunidade de confeccionar seu grafite, além de debater sobre grafite e pichação.

Desenvolvimento: Ao iniciar a aula, perguntar aos alunos qual a diferença entre grafite e pichação. Mostrar que existe uma lei afirmando que pichação é crime e perguntar qual a opinião deles sobre isso. Através de imagens dar exemplos de grafite e pichação, mostrando as variações de letras e de aparências. Após isso, pedir para que os alunos formem grupos com 7 alunos, explicando que o tema do grafite que eles terão que fazer é algo que descreva o grupo, podendo conter desenhos e palavras.

Aula 3– Conhecendo e ressignificando o rap

Objetivo: Proporcionar conhecimento sobre a modalidade do hip hop, e a oportunidade de conhecimento sobre as músicas e seus compositores, debatendo suas letras e a realidade de cada artista.

Desenvolvimento: Mostrar algumas músicas de rap nacionais e internacionais, conversando sobre as diferenças em suas letras, relatar a história de alguns *rappers*, identificar o quanto os alunos sabem sobre o tema e debater as opiniões de cada aluno.

Aula 4– Conhecendo e ressignificando o *break*

Objetivo: Proporcionar conhecimento sobre a modalidade do hip hop, e a oportunidade de, juntamente com os colegas, entender as letras e criar sua própria coreografia.

Desenvolvimento: mostrar alguns vídeos de apresentações de *break*, desde apresentações infantis até adultos, e vídeos específicos de passos básicos da dança, para que possam se basear e montar suas próprias coreografias além de criarem passos novos.

Aula 5– Vivendo o *break*

Objetivo: Apresentar em forma de coreografia os conhecimentos obtidos durante as aulas expostas.

Desenvolvimento: Em ordem alfabética, chamar os grupos para se apresentarem, após isso conversar com os alunos sobre como eles se sentiram participando da atividade. Avaliar o compromisso e a dedicação que os alunos tiveram com a atividade, além do respeito com os outros grupos.

5 RESULTADOS E ANÁLISES

A seguir, apresento os resultados e análises das atividades propostas durante o período em que desenvolvi a prática de ensino na escola. Os dados foram divididos conforme o progresso da realização das atividades, sendo eles - Apresentação do conteúdo da dança: introdução do conteúdo e sua relação com o retorno dado pelos alunos; - O encaminhamento do break: a forma utilizada para trabalhar o break inserindo os outros elementos da cultura hip hop; - A relação entre a dança, o grafite e o rap: dando um significado cultural para o conteúdo de dança.

5.1 APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DANÇA.

Antes de introduzir o conteúdo da dança, optei por começar com jogos cooperativos. Ao todo foram 5 aulas sobre jogos cooperativos, com 5 atividades diferentes: *Dodgeball* e pique bandeira, atividade do Vidal e coelho sai da toca, pebolim humano, war gigante e por fim, roda da memória e mímica. Todas as atividades foram realizadas em grupos na quadra da escola. Após isso, introduzi o conteúdo da dança, com os elementos da cultura do Hip Hop. Iniciando a aula com um breve histórico contendo onde se iniciou, os elementos, algumas imagens e vídeos ilustrando o grafite, o *break* e o rap, a aula foi dialogada para observar o conhecimento dos alunos sobre o tema.

Escolhi iniciar as aulas dessa forma para que os alunos pudessem se habituar com outro conteúdo da Educação Física, além do esporte. As atividades tinham o objetivo de trabalhar a cooperatividade entre os alunos, mostrando a importância da unidade, ou seja, fazer com que eles vissem que o trabalho em conjunto é o melhor em determinadas situações. Na última aula desenvolvi duas atividades, roda da memória e mímica, foi uma aula mais próxima ao conteúdo da dança, porque os alunos deveriam se comunicar através do corpo.

Durante os jogos realizados o empenho e participação dos alunos foi considerável. Alguns me agradeceram pelas aulas e foi gratificante ver o quanto eles estavam gostando de estar experimentando algo novo. Ao trabalhar a cooperação dos alunos, ninguém ficou de fora, ou seja, questões sobre gênero não foram

levantadas pelo fato de nenhum aluno ter sido excluído das atividades, pelo contrário, todos e todas foram incluídos por todos e todas, sem que precisasse de intermédio dos professores. Tallar e Selow esclarecem que

os jogos cooperativos baseiam-se em cinco princípios, que são: a igualdade de direitos e deveres, inclusão, desenvolvimento humano, processualidade e coletividade, desenvolvimento humano e processualidade, quando o essencial é a participação de todos de forma que não tenha excluídos. Os jogos cooperativos vão além dos jogos, eles buscam uma melhoria de vida para todos, de maneira inclusiva. (TALLAR. SELOW. 2016, p. 1).

5.2 ENCAMINHAMENTO DO BREAK COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.

Para trabalhar com o *break*, escolhi iniciar com os outros elementos do hip hop, o grafite e a música, para que não houvesse uma resistência inicial dos alunos com a questão de dançar. Os alunos tiveram duas aulas na sala de arte para trabalharem no projeto do grafite, cujo objetivo era escolher um tema e expressar na forma de um desenho algo que representasse o grupo em que eles estavam inseridos. Para que isso acontecesse, pedi para eles levarem tinta guache e pincéis, a escola nos ajudou disponibilizando o papel craft.

Para o tema, pedi para que eles pensassem em algo que representasse o grupo em que eles estavam, acabou sendo bem variado: sonhos, filmes e séries, comida e time de futebol foram alguns dos temas que eles representaram. A seguir algumas imagens.





Após as duas aulas de grafite, tivemos uma aula sobre a música, mais especificamente sobre o *rap*. Nessa aula levei músicas e imagens de *rappers*, para saber o quanto os alunos conheciam sobre o tema. Utilizamos a sala de dança da escola, pois nela tinha um projetor com computador e caixas de som, além disso, a

sala ficava longe das salas de aula fazendo com que não atrapalhássemos as outras aulas.

Procurei levar *rappers* nacionais como: Racionais Mc's, Emicida, Projota e Karol Conka, e *rappers* internacionais como: Eminem, Snoop Dog, Tupac e Drake. Que estes nomes já faziam parte do cotidiano dos alunos eu já sabia, mas não imaginava o quanto eles conheciam sobre os *rappers*. Histórias como do Tupac e dos Racionais Mc's que eu tive que pesquisar para conversar com eles, eles já sabiam e sabiam por que eles queriam saber e não porque alguém contou.

<i>Rapper</i>	Trecho da música utilizada
Racionais Mc's	“Não adianta querer, tem que ser, tem que pá O mundo é diferente da ponte pra cá” Música “Da Ponte pra Cá”
Karol Conka	“Negro, branco, rico, pobre O sangue é da mesma cor Somos todos iguais Sentimos calor, alegria e dor” Música “Bate a Poeira”
Eminem	“ <i>I'm not afraid to take a stand Everybody come take my hand We'll walk this road together, through the storm</i> ” Música “Not Afraid”

Fonte: www.letras.mus.br

Importante destacar que o *rap* tem como característica um posicionamento em relação às desigualdades sociais, faz uma crítica à realidade e dá voz a maioria das pessoas que não tem. Noventa por cento dos alunos da escola são da região metropolitana de Curitiba, moram em regiões mais carentes na maioria das vezes. Os alunos se identificaram com as músicas pelo fato de estarem em um contexto

parecido com aquele mencionado nas letras: crimes, drogas, simplicidade, preconceito, entre outras situações.

Nesse mesmo dia, após dialogarmos sobre o *rap*, discutimos sobre o *break*, apresentei alguns vídeos de coreografias de algumas músicas de *rap* famosas, além de comentarmos sobre os passos básicos do *break*.

Com tudo isso exposto, expliquei que a atividade da próxima aula seria uma coreografia montada por eles, sendo que eles poderiam fazer com o mesmo grupo que tinham feito o trabalho com o grafite.

Separei uma aula para que eles tivessem a oportunidade de montar a coreografia da música de sua escolha juntamente com seus colegas do grupo e da minha mediação. A turma teve duas opções: apresentar para a sala toda ou gravar um vídeo para mostrar no dia da apresentação. A maioria preferiu apresentar para a sala toda e somente um grupo, entre as duas turmas, escolheu apresentar em vídeo.

O motivo que me levou a progredir dessa forma com as atividades, foi para que os alunos vivessem de fato o que estávamos estudando. Fazer com que eles tivessem um contato direto com o *break* talvez deixasse os alunos perdidos ou até mesmo desestimulados com o conteúdo, ainda que atividades como essas são importantes para que o aluno desenvolva a expressão e comunicação corporal, além do trabalho com a autoconfiança, auto-estima e auto-imagem (SCARPATO, 2007, p. 44).

As apresentações foram interessantes os alunos se divertiram, claro que não foram perfeitas, até porque não era perfeição que eu procurava e sim criatividade e vontade de participar. Os alunos deixaram de lado a timidez, principalmente os meninos. Inclusive aqueles que preferiram apresentar em forma de vídeo, utilizaram alguns passos básicos do *break*, criaram passos novos e acredito que utilizaram outras coreografias para se basearem.

Os alunos reagiram bem com os elementos trabalhados, participaram do início ao fim de todas as atividades. O *break* deixou alguns deles um pouco envergonhados, mas conseguimos contornar a situação com a opção de apresentar em forma de vídeo. Ao final da aula conversamos sobre as atividades, sobre como eles se sentiram participando desse conteúdo e obtive um resultado positivo, o qual me surpreendeu muito.

Era visível o quanto os alunos estavam contentes, até os que apresentaram em vídeo, foi um sentimento contagiante entre mim, os alunos e o professor regente da turma, o qual ficou surpreso com o resultado do encaminhamento utilizado para o conteúdo de dança. Mesmo com sua experiência de anos com a Educação Física Escolar ele apresentava algumas dificuldades para encaminhar esse tema com os alunos. Assim, foi possível perceber que existem professores com uma bagagem de experiências e conhecimentos, mas que ainda têm dificuldades para a abertura da utilização de outros conteúdos da Educação Física como, por exemplo, no caso deste trabalho, a dança.

Acredito que o que foi essencial para que “desse certo”, foi o fato de permitir que os alunos construíssem as aulas comigo, deixá-los fazerem parte desse momento tornou o aprendizado muito mais atrativo e aproveitável, tanto o deles quanto o meu.

5.3 A RELAÇÃO ENTRE A DANÇA (CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA), O GRAFITE E O RAP.

A Educação Física deve ampliar seu olhar e o encaminhamento das práticas corporais para a relação dos seus conteúdos. Neira (2016) diz que

a denominada perspectiva cultural do componente concebe as práticas corporais como artefatos da cultura, questiona os marcadores sociais nelas presentes, busca reconhecer os seus sujeitos e promove o diálogo com as diferenças (NEIRA, 2016, p. 80).

trabalhar com o conteúdo da dança faz com que o aluno assuma uma autoria curricular, onde ele possa alterar, ressignificar, participando de maneira ativa nas aulas. Outro ponto, diz que a Educação Física deve conter atividades que aprofunde e amplie o conhecimento dos alunos, e que aconteça de maneira construtiva onde possa se fazer presente a discussão e processos de socialização.

No caso da dança, especificamente o *break*, é importante estar atento para os outros elementos da cultura que o cercam. Compreendendo que a cultura do Hip Hop não é somente a dança e que, a dança não pode ser trabalhada isoladamente dos outros elementos, é importante inserir o rap e o grafite, para que os alunos tenham uma vivência real sobre o tema e não somente os passos básicos do *break*. Além de incentivar a criatividade dos alunos, por meio da cultura do hip hop, concordo com Duarte Jr (1991, p.) para o qual “o processo criativo, que envolve criação e sentido, é uma maneira de despertar o indivíduo para o seu próprio processo de sentir”, ou seja, vivenciar o *break* juntamente com os outros elementos faz com que o aluno viva de fato o que está aprendendo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendo que a dança é um dos conteúdos da Educação Física que deve ser apresentada aos alunos e percebendo a importância de organizá-la de maneira didática para que se efetive o ensino, o professor precisa desenvolver maneiras e métodos para que seus alunos tenham interesse em aprender tal conteúdo.

Fontana (2001) traz em seu texto as características de uma aula, onde ela trabalha vários fatores que devem ser considerados na elaboração dessa aula. Ela diz que é justamente no momento em que os alunos ficam face a face com o professor e seus colegas, que acontece um confronto de diferenças, medos e sentimentos, onde a Educação Física tem um papel significativo juntamente com seu mediador, de mostrar e apresentar para o aluno diversas maneiras de se expressar, dando a autonomia para que ele escolha uma maneira única atribuindo seu significado próprio de expressão.

Mesmo quando as danças são apresentadas de maneira organizada e sistematizada, o professor está sujeito a enfrentar diversas barreiras, devido ao preconceito que se tem com essa prática corporal, já que os alunos podem se sentir constrangidos ao se exporem na frente de seus colegas. Essa exposição deve ser bem trabalhada pelo professor, para que não haja uma exclusão daqueles que não se sentem confortáveis.

As turmas apresentadas nesta pesquisa apresentavam características singulares, sendo a turma do 8^oC mais tranquila e a turma do 8^oD muito mais agitada. Mesmo assim foi possível observar que ambos tiveram interesse pelo conteúdo e se esforçaram para que tudo acontecesse da maneira planejada. Nesse sentido é possível que em outros espaços uma proposta como essa possa se tornar aplicável desde que o professor seja flexível e saiba observar o contexto dos seus alunos.

As aulas realizadas com as turmas de 8^o anos do Ensino Fundamental II, me proporcionou uma experiência inesquecível e um grandioso conhecimento. Ser professora durante esse tempo fez com que eu entendesse o propósito da escolha que eu fiz em 2014, quando escolhi cursar Licenciatura em Educação Física, me fez

compreender o quanto o ENSINAR é gratificante e o quão longe eu posso ir desde que eu não perca o foco. Trabalhar com o conteúdo da dança é realmente desafiador, mas a partir de uma metodologia bem elaborada e bem utilizada os resultados serão sempre os melhores possíveis, claro que com alterações durante o percurso. Nós professores podemos sim trabalhar qualquer conteúdo da Educação Física com os nossos alunos, mas primeiramente temos que sair do comodismo e colocar em prática o que aprendemos de melhor durante nossa graduação.

O trabalho aqui descrito só aconteceu devido a autorização da escola para a realização do estágio exigido na disciplina de Práticas de Ensino. Realizar esse trabalho nessa escola foi gratificante. Além de ser uma das melhores escolas públicas de Curitiba, pude contar com a ajuda de todos os membros da equipe, desde diretores até inspetores. O auxílio de cada um foi de suma importância para a realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Sou muito grata principalmente pelos alunos, os quais aceitaram todos os desafios propostos e fizeram parte desse momento tão importante para mim.

REFERÊNCIAS

BAGNARA, Ivan Carlos. FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Relação entre formação inicial e ação docente: o desafio político da educação física escolar no centro do debate**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2019.

BETTI, Mauro. **Educação Física Escolar: ensino e pesquisa-ação**. 2ª edição. UNIJUÍ, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, p. 218, 2018.

CAZÉ, Clotildes Maria. **HIP HOP: Cultura, arte e movimento no espaço da sociedade contemporânea**, 2008.

CONTADOR, Antônio Concorde. FERREIRA, Emanuel Lemos. **RITMO E POESIA: os caminhos do RAP**, 1997.

DARIDO, Suraya. **Os Conteúdos da Educação Física Escolar: Influências, Tendências, Dificuldades e Possibilidades**, 2001.

FERNANDO, Klaylton. **A história do breakdance**. 2009 Disponível em <<https://www.dancaderua.com/extras/historia-do-break-dance>> Acesso em: 21 ago. 2018.

FONTANA, Roseli A. C. **Sobre a aula: uma leitura pelo avesso**. Revista Presença Pedagógica, v 7, n 39. Maio/Junho 2001.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural: carta de navegação**. Arquivos em movimento. Rio de Janeiro: UFRJ, v 12, n 2. Julho/ Dezembro 2016.

OLIVEIRA, Ingrid P.; BATISTA, Alison P.; MEDEIROS, Rosie M. **A Educação Física e a linguagem do Hip Hop: Um diálogo possível na escola**. São Paulo: UNICAMP, 2014.

PEREIRA, Flávio Medeiros; SILVA, Adriane Correa. **Sobre os Conteúdos da Educação Física no Ensino Médio em Diferentes Redes Educacionais do Rio Grande do Sul**, 2004.

PIMENTEL, Spensy. **O Livro Vermelho do Hip-Hop**, 2003.

PPP - **Projeto Político Pedagógico**. Colégio Estadual Leôncio Correia - EFMP, 2011.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Didática da Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2006, pg. 99.

SCARPATO, M.T. **A Formação do Professor de Educação Física e Suas Experiências Com a Dança**. Educação Física Escolar: Desafios e Propostas. Jundiaí: Fontoura; 2004.

SCARPATO, M.T. **Educação Física: Como Planejar as Aulas na Educação Básica**. São Paulo: Avercamp, 2007.

SOUSA, Nilza C.; HUNGER, Dagmar A.; CARAMASCHI, Sandro. **O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte**. São Paulo, junho/2014.

TALLAR, Vinicius; SELOW, Marcela Lima. **A Importância dos Jogos Cooperativos no Contexto Escolar**. Curitiba: Vitrine Produção Acadêmica, 2016.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2005, p. 445.

TSCHÖKE, Aline. Trabalho de Monografia. **Passo ou (Des)Compasso da Dança na Escola: Um Estudo da Prática Pedagógica do Conteúdo “Dança” nas Escolas Municipais de Campo Largo**, 2007.

ANEXOS

PLANO DE ENSINO

UNIDADE TEMÁTICA 1: JOGOS COOPERATIVOS

Período de realização: agosto/setembro 2018

Número previsto de aulas: 5 aulas

Objetivo (s): - Proporcionar ao aluno a vivência de outro conteúdo da educação física;

- Desenvolver cooperatividade entre os alunos através das atividades propostas;
- Inserção da dança.

Desenvolvimento metodológico:

Realizar atividades que trabalhem a cooperatividade entre os alunos, mostrando a importância da unidade, ou seja, fazer com que vejam que o trabalho em conjunto é o melhor em determinadas situações.

Avaliação: Ao final do conteúdo abordado, será realizada uma roda com os alunos, onde eles deverão relatar qual foi a atividade que mais gostaram e relatar o que não gostaram durante as aulas. Deixando em aberto um debate sobre o assunto.

UNIDADE TEMÁTICA 2: DANÇA

Período de realização: Outubro/ Novembro 2018

Número previsto de aulas: 7 aulas

Objetivo (s): - Proporcionar ao aluno a vivência de outro conteúdo da educação física;

- Trabalhar a expressividade;

- Fazer com que o aluno tenha percepção corporal, mostrando que o corpo fala;

- Desenvolver a criatividade e autonomia.

Desenvolvimento metodológico:

Realizar atividades de modo que os alunos tenham percepção corporal e que consigam desenvolver também sem o comando do professor, ou seja, estimulando a criatividade e a autonomia dos movimentos.

Avaliação: Ao final do conteúdo abordado, será realizada uma roda com os alunos, onde eles deverão relatar qual foi a atividade que mais gostaram e relatar o que não gostaram durante as aulas.

PLANOS DE AULA

Professor em formação: Gabriela Oliveira dos Santos

Instituição de Ensino: Colégio Estadual Leôncio Correia

Nível de ensino: Ensino fundamental II Turno: TARDE Turma: 8°C e 8°F

Disciplina: Educação Física Professor orientador (escola): identidade preservada

Professora supervisora: Veronica Werle Duração das atividades: 45 minutos

PLANO DE AULA Nº 1: DODGEBALL E PIQUE BANDEIRA.

Objetivos imediatos:

Vivenciar o pique bandeira e o *dodgeball* enquanto jogos e brincadeiras; por meio das regras e da criação de estratégias do jogo, reconhecê-lo como meio de transmissão de valores sociais; proporcionar a cooperatividade entre os alunos.

Recursos utilizados:

Quadra aberta ou fechada, seis bolas de vôlei ou qualquer bola macia, seis cones chinês e duas cores de coletes.

Desenvolvimento da aula

Parte inicial da aula:

Contextualizar a aula a partir da história do *Dodgeball*; aquecimento articular.

Parte principal da aula:

Dodgeball: Separar os alunos em duas equipes, disponibilizar as seis bolas no meio da quadra, em cima dos cones chinês, e ao sinal do professor os alunos deverão correr ao centro em disputa por elas. Morre quem for atingido pela bola jogada pelo time adversário ou se o integrante do outro time segurar a bola que você jogou.

Pique bandeira: Separar os alunos em duas equipes, colocar o colete A na base do time B e o colete B na base do time A. Explicar aos alunos que eles deverão buscar o colete do seu time sem que os adversários os peguem. Aquele que pegar o colete deverá voltar ao seu time sem ser pego, assim ganhará o jogo.

Parte final da aula:

Reunir os alunos no centro da quadra, perguntar o que acharam das atividades propostas e refletir caso ocorra alguma situação inesperada.

Avaliação da aprendizagem dos alunos:

Avaliar se os alunos participaram das atividades: tentou realizar? auxiliou sua equipe? cooperou?

Avaliação crítica da aula:

A aula ocorreu tranquilamente. Falhei em deixar que os alunos montassem as equipes.

PLANO DE AULA Nº 2: ATIVIDADE DO VIDAL E COELHO SAI DA TOCA.

Objetivos imediatos:

Proporcionar noções espaciais, estimular a agilidade, coordenação e equilíbrio.

Recursos utilizados:

Quadra aberta ou fechada, trinta bambolês e um bastão.

Desenvolvimento da aula

Parte inicial da aula:

Aquecimento articular.

Parte principal da aula:

Atividade do Vidal: Separar os alunos em duas equipes, uma do lado esquerdo e outra do lado direito da quadra, e posicionar o bastão na linha central da quadra. Em seguida, pedir para os alunos se enumerem sem que a equipe adversária ouça quem receberá cada número. Quando o professor falar o número X, os alunos que receberam esse número terão que correr e tentar pegar o bastão. Vence aquele que conseguir pegar o bastão.

Coelho sai da toca: Distribuir aleatoriamente todos os bambolês no chão. Pedir para que cada aluno fique dentro de um bambolê e escolher um aluno para ser o lobo. Ao sinal do apito, os alunos deverão sair de seus bambolês, que no caso seriam as tocas, e ir para outros, enquanto isso o lobo deverá pegar o maior número possível de coelhos. Durante o jogo, alguns bambolês serão tirados da quadra para dificultar mais a brincadeira. Vence aquele que não for pego.

Parte final da aula:

Reunir os alunos no centro da quadra, perguntar o que acharam das atividades propostas e refletir caso ocorra alguma situação inesperada.

Avaliação da aprendizagem dos alunos:

Avaliar se os alunos participaram das atividades: tentou realizar? auxiliou sua equipe? cooperou?

Avaliação crítica da aula:

Na primeira aula, para realizar a atividade do Vidal, separei em duas equipes o que deixou alguns alunos dispersos. Na segunda aula separei em quatro equipes, a quadra foi dividida em quatro campos o que fez com que todos participassem simultaneamente.

PLANO DE AULA Nº 3: PEBOLIM HUMANO

Objetivos imediatos:

Proporcionar noções espaciais, além de vivenciar um esporte brincando, facilitar a compreensão de tal, estimulando a agilidade, a coordenação e o equilíbrio.

Recursos utilizados:

Quadra aberta ou fechada e duas bolas de futsal.

Desenvolvimento da aula

Parte inicial da aula:

Aquecimento articular; Retomar as regras do pique bandeira e falar sobre os fundamentos do futsal.

Parte principal da aula:

Separar os alunos em duas equipes mistas, selecionar um capitão de cada equipe e pedir para que eles montem uma linha de ataque, uma de meio campo e uma de defesa. Os alunos deverão buscar a bola na base adversária sem serem pegos, trazer a bola para seu campo utilizando os fundamentos do futsal. Ao final de cada partida, trocar as posições, para que todos os alunos vivenciem cada uma.

Parte final da aula:

Reunir os alunos no centro da quadra, perguntar o que acharam das atividades propostas e refletir caso ocorra alguma situação inesperada.

Avaliação da aprendizagem dos alunos:

Avaliar se os alunos participaram das atividades: tentou realizar? auxiliou sua equipe? cooperou?

Avaliação crítica da aula:

Separei apenas em duas equipes o que deixou um número de alunos muito grande em quadra. Na próxima vez separar em quatro equipes, assim como na atividade anterior.

PLANO DE AULA Nº4: WAR GIGANTE

Objetivos imediatos:

Proporcionar noções espaciais, estimular a agilidade, cooperação, coordenação e equilíbrio.

Recursos utilizados:

Quadra aberta ou fechada, quatro bolas de futsal, quatro bolas de basquete, quatro bolas de vôlei, quatro bolas de handebol, quatro bolinhas de tênis, quatro bolinhas de *ping-pong*, três ou quatro jogos de colete e quatro bambolês.

Desenvolvimento da aula

Parte inicial da aula:

Aquecimento articular.

Parte principal da aula:

Separar os alunos em quatro equipes mistas. Selecionar um capitão para representar sua equipe, entregar uma missão para cada um. Cada equipe deveria buscar os itens de sua missão nos campos adversários e retornar sem ser pego. Ganha a equipe que tiver com todos os itens do desafio.

Parte final da aula:

Reunir os alunos no centro da quadra, perguntar o que acharam das atividades propostas e refletir caso ocorra alguma situação inesperada.

Avaliação da aprendizagem dos alunos:

Avaliar se os alunos participaram das atividades: tentou realizar? auxiliou sua equipe? cooperou?

Avaliação crítica da aula:

A aula ocorreu tranquilamente, mas pela falta de coletes disponíveis na escola era difícil de identificar cada equipe.

Exemplos de missões

Começar com algo simples, como por exemplo uma bola de vôlei, uma de handebol e uma de futsal, depois ir dificultando, como por exemplo quatro bolas de basquete, três bolinhas de *ping-pong*, deixar duas equipes com missões parecidas.

PLANO DE AULA Nº 5: RODA DA MEMÓRIA E MÍMICA

Objetivos imediatos:

Proporcionar noções espaciais, estimular a agilidade, a coordenação, a criatividade e desenvolver a percepção corporal.

Recursos utilizados:

Quadra aberta ou fechada, nomes de filmes ou séries.

Desenvolvimento da aula

Parte inicial da aula:

Pedir para que os alunos escrevam em um papel o nome de filmes e séries que são do seu conhecimento.

Parte principal da aula:

Roda da memória: Fazer uma roda com os alunos e explicar que cada aluno terá que dizer seu nome e realizar um movimento para que os demais possam repetir. Então o aluno X dirá seu nome e fazer um movimento e o aluno Y terá que repetir o nome do aluno X e o movimento que fez, dizer seu nome e fazer um novo movimento e assim sucessivamente.

Mímica: Utilizaremos os nomes que os alunos entregaram de filmes e séries, pedir um voluntário para iniciar o jogo sorteando um nome e realizando os movimentos para que os colegas tentem adivinhar o que representa, aquele que acertar fará a próxima mímica.

Parte final da aula:

Reunir os alunos no centro da quadra, perguntar o que acharam das atividades propostas e refletir caso ocorra alguma situação inesperada.

Avaliação da aprendizagem dos alunos:

Avaliar se os alunos participaram das atividades: tentou realizar? auxiliou sua equipe? cooperou?

Avaliação crítica da aula:

Alguns alunos ficaram dispersos durante a “roda da memória”, para que todos fiquem atentos, avisar que no final todos farão juntos os movimentos.

PLANO DE AULA Nº 6: TEÓRICA SOBRE O HIP HOP

Objetivos imediatos:

Proporcionar conhecimentos sobre a modalidade do *hip hop*, além de vivenciarem outro conteúdo da educação física.

Recursos utilizados:

Sala de aula, televisão ou projetor, *pendrive* com o conteúdo, quadro e giz caso os eletrônicos não funcionem.

Desenvolvimento da aula

Parte inicial da aula:

Explicar a importância da aula teórica com o tema abordado e fazer um conhecimento prévio, para analisar o que os alunos sabem sobre o conteúdo.

Parte principal da aula:

Através dos slides apresentar e debater sobre o conteúdo do *hip hop*, mostrando suas origens, seus elementos (*grafite, rap, break*) e explicar cada um deles. Os alunos deverão fazer anotações, pois faz parte da composição das notas.

Parte final da aula:

Fazer perguntas para saber se os alunos compreenderam o conteúdo proposto e sanar as dúvidas que surgirem.

Avaliação da aprendizagem dos alunos:

Avaliar se os alunos participaram da conversa e se estavam atentos com os conteúdos abordados durante a aula.

Avaliação crítica da aula:

Se a aula tivesse acontecido na sala de multimídia, poderia deixá-la mais dinâmica com músicas e vídeos.

PLANO DE AULA Nº 7 GRAFITE

Objetivos imediatos:

Proporcionar conhecimentos sobre a modalidade do *hip hop*, além de oportunizar os alunos a produção do seu próprio grafite.

Recursos utilizados:

Sala de artes ou qualquer outra sala, mesas, pincéis, tinta guache, papel craft, pano e esponja para a limpeza das mesas

Desenvolvimento da aula

Parte inicial da aula:

Fazer combinados como limpar a mesa após o uso, guardar as tintas tampadas, lavar os pincéis.

Parte principal da aula:

Em grupos, os alunos deverão grafitar algo, seja uma palavra, uma frase ou um desenho, que os defina. Não será permitido falar sobre política e religião.

Parte final da aula:

Fazer perguntas para saber se os alunos compreenderam o conteúdo proposto e pedir para que expliquem os significados dos seus grafites.

Avaliação da aprendizagem dos alunos:

Avaliar se todos do grupo participaram da produção, tanto com ideias quanto com o trabalho manual.

Avaliação crítica da aula:

A aula ocorreu de acordo com o combinado, mas os alunos levaram mais tempo do que o planejado para pensar nos detalhes, por isso levaram duas aulas para finalizar suas atividades.

PLANO DE AULA Nº 8: AULA TEÓRICA BREAK E RAP

Objetivos imediatos:

Proporcionar conhecimentos sobre o *rap* e o *break*, modalidades do *hip hop*.

Recursos utilizados:

Sala de multimídia- som e projetor.

Desenvolvimento da aula

Parte inicial da aula:

Relembrar o conteúdo abordado na aula teórica sobre os elementos do *hip hop*

Parte principal da aula:

Apresentar novamente os conceitos do *break* e do *rap*, através de vídeos e imagens. Mostrar imagens de alguns *rappers* nacionais e internacionais e em seguida colocar algumas músicas para que os alunos possam identificar quem canta cada uma. Mostrar algumas coreografias de *break*, desde infantil ao adulto, dentro ou fora de competições, além de alguns passos básicos do *break*. Prepará-los para a próxima aula onde terão que criar coreografias.

Parte final da aula:

Fazer perguntas para saber se os alunos compreenderam o conteúdo proposto e pedir para se reunirem com os mesmos grupos da aula de grafite para planejarem a coreografia- escolher a música, pensar nos passos.

Avaliação da aprendizagem dos alunos:

Avaliar se todos do grupo participaram da produção, tanto com ideias quanto com o trabalho manual.

Avaliação crítica da aula:

A aula ocorreu como planejada.

PLANO DE AULA Nº 9 MONTAGEM DAS COREOGRAFIAS

Objetivos imediatos:

Proporcionar conhecimentos sobre o *break*, além de oportunizar os alunos a produzirem sua própria coreografia.

Recursos utilizados:

Sala de multimídia- som e projetor.

Desenvolvimento da aula

Parte inicial da aula:

Fazer combinados como não deixar o volume da música, focar na atividade, auxiliar os colegas e não atrapalhar o trabalho dos outros grupos.

Parte principal da aula:

Com os mesmos grupos da aula de grafite, os alunos deverão montar uma coreografia em cima de uma música escolhida, se baseando nos passos básicos ou em coreografias já prontas, sem copiar, mas alterando e colocando seus passos. Auxiliar os alunos durante a atividade.

Parte final da aula:

Sanar as dúvidas que surgirem e organizar a sala.

Avaliação da aprendizagem dos alunos:

Avaliar se todos do grupo participaram da produção, tanto com ideias das músicas quanto com os passos.

Avaliação crítica da aula:

A aula ocorreu como planejada.

PLANO DE AULA Nº 10 APRESENTAÇÃO FINAL

Objetivos imediatos:

Oportunizar a vivência da dança, além de conhecimento e trabalho corporal.

Recursos utilizados:

Sala de multimídia- som e projetor.

Desenvolvimento da aula

Parte inicial da aula:

Explicar que as apresentações serão por ordem de chamada e pedir autorização dos alunos para filmar as apresentações para arquivo pessoal.

Parte principal da aula:

Com a música e a coreografia prontas, os grupos apresentarão o trabalho proposto de forma organizada, sem limite de tempo.

Parte final da aula:

Parabenizar e agradecer os alunos pela colaboração e participação em todas as atividades.

Avaliação da aprendizagem dos alunos:

Avaliar se todos do grupo participaram da produção, tanto com ideias das músicas quanto com os passos.

Avaliação crítica da aula:

A aula ocorreu como planejada, os alunos cooperaram com a organização e foram criativos, apesar de sentirem vergonha.

CADERNO DE CAMPO

02/04/2018

Primeiro dia de observação.

Acompanhei o professor Eduardo com as turmas de 8º e 9º anos. O tema do trimestre é basquetebol e em todas as aulas foram abordados os mesmos conteúdos, fundamentos básicos do esporte (drible e arremesso). O professor sempre procurava corrigir os alunos de forma que as técnicas não fossem exigidas, mas sim a compreensão do movimento, pois essas são as primeiras aulas em que os alunos têm contato com o esporte. As atividades exigiam a capacidade de lateralidade, coordenação motora e noção espacial. A primeira aula foi com o 8ºB, segunda 8º F, terceira com o 9º D, quarta com o 9º C e a última novamente com o 9º D, a qual diferente das outras aulas, o professor passou uma atividade prática que me chamou atenção: Como estamos no mês 4, os alunos tinham que correr durante 4 minutos, como incentivo à prática de atividades físicas, e os alunos que conseguissem ganhariam 0,2 pontos na média. As turmas 8º F e 9º C, foram as mais agitadas neste dia, eles têm fama de não terem um bom comportamento, mesmo assim realizaram as atividades proposta pelo professor, que teve pulso firme diante dos alunos. Durante a ida para a quadra e a volta para sala, os alunos demonstram carinho e respeito pelo professor, o qual sempre faz brincadeiras com os alunos, dá para ver que eles têm um bom relacionamento.

09/04/2018

Segundo dia de observação.

A equipe pedagógica da escola passou a informação aos professores de educação física de que a SEED entrou em contato via email, pedindo aos professores que coletassem os dados de peso e altura de todos os alunos para que pudessem acompanhar o estado nutricional deles. Então essa tarefa ficou sob minha responsabilidade e dos outros estagiários (Nathália, Letícia, Andressa e Rogério).

Aferimos peso e altura de 15 turmas com 35 alunos em média, no total foram 525 alunos. Conforme os alunos iam passando por nós, eles eram liberados para a aula que neste dia foi livre, os alunos ficaram soltos sem nenhuma observação dos professores.

16/04/2018

Terceiro dia de observação.

Hoje ao encontrarmos o professor Eduardo, ele nos informou que teria que visar o caderno dos alunos com o conteúdo teórico sobre o basquete e conforme ele ia vistando ia liberando os alunos para terem aula livre ou se eu e a Nathália quiséssemos poderíamos dar alguma atividade relacionada ao basquete. Mesmo sabendo que não tínhamos permissão para dar aulas, nós demos para não deixar os alunos livres. Realizamos a atividade “jogo da velha no chão” utilizando os fundamentos do basquete, com todas as turmas (8º B, F, D e 9º D e C). Todos os alunos participaram da atividade e alguns alegaram que era novidade, pois o professor não passa coisas diferentes. Demos as 5 aulas e não recebemos nenhum feedback do professor Eduardo, pois ele só chegava na quadra para encerrar a aula.

07/05/2018

Quarto dia de observação

Neste dia os alunos tiveram prova prática do trimestre, com o conteúdo do basquete. O professor dividiu a turma em dois grupos: meninos e meninas, enquanto um grupo jogava vôlei o outro realizava a prova prática. A prova foi em dupla, mas com notas individuais. A prova funcionava da seguinte forma: os alunos deveriam fazer o fundamento de drible até o cone e voltar, repetindo duas vezes; segunda atividade: os alunos deveriam fazer o fundamento de passe peito andando até o cone e voltar; terceira atividade: os alunos deveriam fazer o fundamento de passe quicado, andando até o cone e voltar; quarta atividade: deveriam ir driblando até a cesta e acertá-la. O professor não avaliava o movimento correto, mas sim se o aluno entendia quais eram. A prova prática foi a mesma para todas as turmas (8º e 9º

ano). O grupo que jogava vôlei durante a prova ficou disperso sem a orientação/ observação do professor.

21/05/2018

Quinto dia de observação

Neste dia o professor dividiu a turma, deixando as meninas sob minha responsabilidade e da Nathalia e ele ficou com os meninos. O objetivo da aula foi de observar o entendimento e qual era a vivência dos alunos com o vôlei. As meninas no geral tinham noção dos movimentos, mas não sabiam executá-los, essa foi a deixa que nós utilizamos para nos aproximar delas, demonstrando os fundamentos e sanando as dúvidas. No final da aula, as meninas conseguiam executar o rodízio e com dificuldades, conseguiram realizar os fundamentos básicos do esporte. Isso, como de costume, aconteceu com todas as turmas.

04/06/2018

Último dia de observação no semestre

Continuamos com o voleibol, mas dessa vez os jogos foram mistos. Observamos que algumas meninas ficavam com vergonha e incentivamos elas a jogarem também e no final da aula, elas estavam se divertindo com os jogos. Todas as /aulas seguiram da seguinte forma: eu apitava os jogos, a Nathalia marcava os pontos e juntamente com o professor, corrigia os alunos com os movimentos. Em alguns momentos o professor nos deixava sozinha com os alunos, os quais, eu particularmente me senti mais à vontade para uma aproximação. As aulas fluíram bem, sem nenhuma ocorrência ou algo que tenha atrapalhado. Conversamos com o professor sobre o segundo semestre, o qual liberou a gente para dar o conteúdo que preferíssemos, mas tínhamos que manter o esporte que ele escolhesse.

SEGUNDO SEMESTRE

06/08/2018

Primeiro dia de observação do segundo semestre.

Hoje retornamos à escola e começamos uma reaproximação com os alunos, a qual não foi difícil. Conversando com o professor regente, ele nos passou que havia mudado o horário das aulas, então não vamos ficar com algumas turmas do primeiro semestre. Outra coisa que acordamos foi que só iniciaremos as intervenções no início do terceiro trimestre (03/07/18), por conta das avaliações que ele ainda tem que fazer com as turmas.

Após buscarmos os alunos na sala, nós direcionamos até a quadra coberta de vôlei. Ele ainda está finalizando o vôlei com as turmas, fazendo prova prática, separando os meninos das meninas, e enquanto as meninas são avaliadas os meninos jogam futsal. Minhas turmas são o 8^oC e o 8^o F. Durante a avaliação, ele me pediu para apitar os jogos de vôlei e contar os pontos.

Na primeira aula com o 8^oF ele só avaliou as meninas, pois não deu tempo de avaliar os meninos e na segunda aula com o 8^oC aconteceu a mesma coisa, mas ele me deixou responsável na avaliação das meninas, confesso que não achei certo, pois eu mal sabia o nome de todas, e no final ele acabou dando nota para todas, mas as notas não foram iguais, pois ele já tinha noção de quem fez com ou sem vontade. Ele também foi lembrando os alunos de que no começo do próximo trimestre eu começo a trabalhar com eles outros conteúdos nas aulas de segunda e ele com o futsal durante a outra aula da semana. Os alunos se empolgaram, pois já sabem que vai ser algo diferente.

13/08/2018

Segundo dia de observação

Hoje quando chegamos na escola o professor nos informou que o horário tinha mudado de novo e, por sorte, só mudou a ordem das aulas (Ufa!). Novamente as atividades foram vôlei e futsal, mas todos os alunos preferiram jogar vôlei. Nem todos jogaram, alguns ficaram sentados mexendo no celular, mas o professor não se importou.

Na turma do 8^oC grande parte dos meninos jogaram junto com as meninas, por isso deu quatro times, fazendo com que as partidas ficassem menos cansativas. Enquanto eu apitava e contava os pontos novamente, o professor auxiliava os alunos e brincava com eles também.

Na turma do 8ºF, nem todos os alunos quiseram jogar, o que ficou cansativo para ambos, alunos e professores. Tentei insistir para que mais alunos participassem, mas o professor disse que não era para eu me incomodar. Aí eu fiquei imaginando de que forma eles vão reagir durante as atividades que eu vou dar, mas preferi não focar nisso naquele momento.

Hoje também já comecei a pedir a tinta guache para os alunos, para fazermos uma atividade com o grafite em uma aula não muito próxima. Isso deixou os alunos curiosos, fazendo com que se aproximasse mais de mim.

27/08/2018

Terceiro dia de observação.

Hoje, de novo, os alunos tiveram aula de vôlei, mas acho que eles já estão cansados e foram poucos os que quiseram participar. Joguei com eles para tentar motivar os demais, e deu certo. No final da aula com o 8ºC a grande maioria tinha participado, fiquei bem contente, pois estamos nos aproximando mais.

A segunda aula foi hora atividade do professor, aproveitei para conversar com a pedagoga sobre as minhas aulas com o hip hop. Ela liberou a sala de artes para que pudéssemos fazer os grafites e reservamos a sala de alternativas 2, a qual tem som e espelho para as aulas de dança. Ela foi bem atenciosa, e eu fiquei contente em ter o apoio dela para realizar as atividades.

Com o 8ºF, novamente vôlei, joguei com eles para animar, fizemos uma roda de vôlei. Fizemos “erra, sai” e “três cortes”, mas tinham poucos alunos jogando, pois alguns estavam jogando futsal e outros com o celular. Alguns alunos me perguntaram como seriam as aulas de dança, e então eu expliquei que será bem tranquila, nada para expor eles. Senti que eles ficaram mais tranquilos, principalmente as meninas, que parecem ser mais tímidas.

No final das duas aulas lembrei eles sobre as tintas e que a atividade valeria nota, o professor avisou também que na próxima segunda-feira eu vou começar com os jogos cooperativos, o que foi de muito agrado para os alunos.

03/09/2018

Quarto dia na escola e primeiro dia de intervenção.

Finalmente a primeira intervenção. Fiz combinados nas duas turmas: sem celular, sem fone de ouvido, sem relógios e as meninas sem brincos grandes. Pedi que quando chegassem na quadra já fizessem um círculo para agilizar as atividades. Chegando na quadra, com o círculo feito, fizemos alongamento, o qual não era feito

com o professor regente. Após isso expliquei a atividade que nesse dia foi o Dodgeball e logo após o pique-bandeira. Notei o quanto os alunos são competitivos, e o quanto eles gostaram dessa atividade, o que me motivou mais.

As aulas passaram e eu nem vi, foi muito legal. Não aconteceu nenhum imprevisto. No fim das aulas juntei os alunos rapidamente para conversarmos sobre a atividade, perguntei se gostaram, o que acharam e se entenderam o conceito de cooperação que foi exigido na atividade “pique-bandeira”. Foi legal ver quem dizia não gostar de educação física ou de esportes participando da atividade, sensação de objetivo alcançado.

10/09/2018

Segundo dia de intervenção.

Hoje ao entrar na sala, relembramos os combinados e seguimos para a quadra. Os alunos do 8ºC chegaram e fizeram o círculo, pedi um voluntário para me auxiliar com o alongamento e o aluno (cuja identidade não será revelada, mas usaremos um outro nome) Fernando se dispôs a ajudar, fez alguns movimentos diferentes dos quais fiz na primeira aula, o que foi bem divertido e todos participaram. Expliquei a atividade em seguida, demonstrando como seria e eles entenderam rapidamente. A atividade foi o “jogo do bastão” ou em homenagem ao nosso professor de atletismo da faculdade, “atividade do Vidal” e após “coelho sai da toca”.

Com o 8ºF fiz a mesma coisa. Pedi um voluntário para me ajudar com o alongamento. Após o alongamento, expliquei as atividades e eles queriam começar logo, a competitividade foi tanta que houve um atrito entre dois alunos, logo no início do jogo do bastão. Deixei os dois fora do jogo durante um tempo, e eles retornaram quando começamos com coelho sai da toca. No final dessa aula, conversamos sobre cooperação novamente, e combinamos que qualquer problema que houver durante as aulas, não é para resolverem sozinhos, mas que me chamem que resolveremos da forma adequada sem brigas. A princípio achei que fossem achar que as atividades eram infantis, mas eles gostaram bastante, disseram que era uma das brincadeiras que faziam quando eram mais novos. Os alunos vibravam quando conseguiam ganhar da equipe adversária.

17/09/2018

Terceiro dia de intervenção

Como o professor regente estava trabalhando com o futsal, ele pediu para que eu fizesse um jogo cooperativo relacionado ao tema, e eu fiz o Pebolim humano.

Pegamos os alunos na sala e fomos para a quadra. Fizemos o círculo e um aluno pediu para fazer o alongamento e em seguida expliquei a atividade a qual seriam utilizados os fundamentos do futsal. Foi bem legal, porque as meninas falam que não gostam de futebol/ futsal, mas acabaram jogando sem perceber. No final dessa aula, pedi para que eles comentassem sobre a atividade, quem mais comentou foram as meninas, e foi legal ver que elas entenderam o conceito de ataque, defesa e meio campo. Legal também foi a tentativa de os meninos ensinarem as meninas, parece que aproximou eles de uma forma diferente.

24/09/2018

Quarto dia de intervenção.

A atividade de hoje foi o *War Gigante* e por ser mais complexo expliquei em sala utilizando o quadro. Fomos para a quadra, fizemos alongamento e organizei os alunos em quatro equipes “1, 2, 3 e 4”. Pedi um representante de cada equipe, dei as missões e iniciei o jogo. Foram 2 missões, a primeira mais fácil e a segunda um pouco mais difícil. Mas eles se saíram muito bem. Fiz a mesma atividade para as duas turmas, ao final pediram que eu fizesse mais uma vez em outra aula, mas por falta de tempo não poderei fazer.

08/10/2018

Quinto dia de intervenção.

Hoje para iniciar o trabalho corporal, a atividade foi a roda da memória e mímica. Com o 8ºC, como estavam tímidos só deu tempo de fazer a roda da memória. Eles se saíram bem, apesar da vergonha e foi bem divertido. Com o 8ºF achei que foi mais divertido ainda, eles não tiveram tanta vergonha e deu tempo de fazer as duas atividades. Para fazer a mímica não os separei em grupo, era só para descontrair mesmo e já irem pensando na ideia de que o corpo também fala. Eles gostaram bastante e foram criativos e isso me deixou mais tranquila em relação a aula de dança que será no fim do semestre.

22/10/2018

Sexto dia de intervenção

Hoje para situar os alunos do conteúdo que vamos trabalhar, a aula foi teórica com um breve histórico do hip hop. No 8ºC os alunos reclamaram um pouco, porque o dia estava bonito e teriam que ficar em sala. A televisão não funcionou, tive

que passar todo o conteúdo no quadro, o que me impediu de conversar com os alunos sobre o tema, então eu disse que conversaríamos durante as outras aulas.

No 8ºF a reação foi tranquila quando eu disse que a aula seria teórica. Nessa sala a televisão estava funcionando, então pude passar os slides com o conteúdo. Enquanto passava, ia comentando sobre o tema, tirando algumas dúvidas que surgiram e a aula fluiu bem, melhor do que eu esperava.

Conversamos sobre a diferença entre grafite e pichação, sobre o que os rappers falam em suas músicas e sobre os passos do break.

29/10/2018

Sétimo dia de intervenção

Hoje a aula foi prática, pegamos os alunos na sala e fomos para a sala de artes. Os alunos ficaram empolgados, pois nunca tinham ido na sala de artes com os professores de outras disciplinas. Pedi que os alunos se separassem em grupos e pensassem em uma palavra que os definissem, porque o grafite é uma forma de assinatura dos artistas.

Na turma do 8ºC teve 5 grupos e no 8ºF 6. Escolheram adjetivos, montaram arte com as iniciais deles, desenharam, foram bem criativos. Mostrei alguns exemplos de grafites e como geralmente fazem as letras. É nítido o quanto a escola apoia esse tipo de trabalho, nas salas de artes e nos corredores das salas têm várias exposições de artes que os alunos fazem, e nessas turmas eles foram bem criativos e me surpreenderam bastante. Eles não conseguiram terminar nessa aula e então disse que poderiam terminar na próxima semana.

05/11/2018

Oitavo dia de intervenção.

Os alunos das duas turmas finalizaram os grafites. As meninas do 8ºC levaram esponja de lavar a louça para fazer o efeito de galáxia nos grafites, dando ideia para os outros grupos, inclusive os grupos da turma do 8ºF. As tintas que sobraram, que foram bastante, doamos para a professora de artes, para que ela pudesse realizar atividades com as turmas dela.

12/11/2018 jogos interclasse

Hoje auxiliamos os professores de educação física com os jogos internos. Apitei o futsal feminino do 6º, 7º, 8º e 9º anos. Foi muito cansativo, fiquei na quadra descoberta, o sol estava muito forte, mas valeu a experiência

19/11/2018

Nono dia de intervenção.

Aguardei os alunos na sala de alternativas II. Preparei slides para relembrarmos os conceitos de RAP e *break*, mas infelizmente o projetor não estava funcionando e então improvisei com o notebook mesmo. Levei músicas e imagens de rappers americanos e nacionais para que os alunos os identificassem.

No 8ºC os alunos conheceram a maioria dos rappers, e falaram alguns que eu não conhecia e me mostraram algumas músicas. Quando iniciei a parte do *break* e disse qual seria a próxima atividade, eles ficaram em uma mistura de empolgação com vergonha. Eu dei duas opções para eles: apresentar a coreografia pessoalmente para a turma ou apresentar em forma de vídeo. A música deixei para que eles escolhessem, mas deve ser rap americano ou nacional. Eles aceitaram apresentar pessoalmente para a turma e vão ensaiar na próxima aula. Os alunos do 8ºF foram mais resistentes, eu particularmente acho que eles são mais maduros que a outra turma, talvez seja isso o motivo da vergonha, e por votação foi decidido que eles apresentariam em vídeo. Para a próxima aula eles devem trazer a coreografia pronta para filmarem durante a aula.

26/11/2018

Décimo dia de intervenção

Como de costume aguardei os alunos na sala de alternativas II, para que eles pudessem ensaiar as coreografias. Os alunos levaram caixinha de som e logo começaram a montar as coreografias, como já esperava, as meninas do 8ºC quem tomaram frente. Ao verem as meninas se empenhando nas coreografias, os meninos começaram cheios de dúvidas, pois eles não tinham noção de como dançar. Tem um jogo *online* chamado *Fortnite* em que o personagem dança durante a partida, partindo disso, os meninos criaram sua coreografia usando esses passos. Um outro grupo ficou enrolando e prometeram que iriam deixar tudo pronto para a próxima aula. Ver a empolgação dos alunos me deixou aliviada, acho que por ser algo novo, eles sentiram o mesmo que eu no começo: muitas dúvidas e apreensão. Na turma do 8ºF foi um pouco mais difícil, como disse anteriormente, eles são mais maduros e a vergonha era grande. Como na outra turma, as meninas também tomaram a frente e começaram a montar as coreografias, os meninos para não ficarem de fora se separaram e entraram nos grupos das meninas e elas ensinavam os passos a eles. Essa foi a turma que escolheu apresentar em vídeo, por isso um dos grupos não fizeram nada nessa aula, que era o grupo dos meninos mais quietos e mais tímidos, eu não me envolvi, pois sabia que eles iam cumprir o combinado.

Finalizei as aulas com boas expectativas, pois os alunos estavam se empenhando e estavam animados com as apresentações.

03/12/2018

Décimo primeiro e último dia de intervenção.

Pedi para o professor regente a permissão de buscar os alunos nas salas para que eu pudesse agradecer eles pela cooperação, respeito e participação nas aulas. Conversei com os alunos e pedi para que em um papel eles fizessem uma pequena avaliação das minhas aulas e de como eles se sentiram, disse também que não era necessário colocar o nome, para que eles pudessem ficar mais à vontade para realmente avaliar a aula. Fiz isso nas duas turmas e depois fomos para a sala de alternativas II para as apresentações.

A turma do 8^oC me surpreendeu bastante, pois todos participaram, meninos e meninas, todos se divertiram, ninguém ficou de fora. A criatividade que tiveram, lembra dos meninos que escolheram utilizar a dancinha do jogo? Eles foram demais! Colocaram passos além daqueles do jogo e as meninas super criativas também, nenhum aluno ficou de fora, e isso me deixou extremamente feliz.

Lembra do 8^oF que escolheram apresentar em vídeo? Eles apresentaram pessoalmente para turma, exceto aqueles meninos tímidos, que fizeram um vídeo bem caprichado da forma que puderam. E o que me deixou mais feliz foi o respeito que a turma teve com todos, ninguém riu da dificuldade do outro.

Finalizei as duas aulas com o coração apertado, pois o carinho que recebi foi lindo. Sobre a avaliação que pedi para os alunos fazerem sobre as aulas, quando abri me surpreendi: não tinha avaliação, tinha agradecimento e muito mais carinho. Fui para casa feliz, realizada e com a certeza de que estou no caminho certo.